

A RECEPTIVIDADE EM PARATY PARA UM PROGRAMA ECUCATIVO DE CONTROLE DA PEDICULOSE¹

MAÍRA MARTINS ADORNO SILVA²

¹Trabalho da disciplina BE- 597 Educação Ambiental /2010

²Pedagoga/ mairamadorno@hotmail.com

RESUMO. As infestações de piolho interferem no rendimento e socialização das crianças. O objetivo deste trabalho é avaliar junto às mães de Paraty, a aceitação por um programa de controle e prevenção de Pediculose. Todas as participantes da pesquisa possuem filhos em idade escolar, nas redes municipal ou particular de ensino. Pretende-se também perceber se estas mulheres conhecem o piolho. A maioria (70%) das entrevistadas conhecia o piolho, e 80% mostrou interesse pelo programa proposto.

PALAVRAS CHAVE. Piolho, lêndea, educação, manejo, Paraty

ABSTRACT. Lice infestations affect the yield and socialization of children. The aim of this study is to assess with the mothers of Paraty, the acceptance of a program to control and prevention of pediculosis. All research participants have children of school age in municipal or private schools. Another aim is to understand if these women know about the lice. Most (70%) of the respondents knew the louse, and 80% showed interest in the proposed program.

KEYWORDS. Louse, nit, education, management, Paraty

INTRODUÇÃO

O piolho é um ectoparasita já associado aos seres humanos há muito tempo. Ovos de piolhos bem preservados, alguns contendo ainda o embrião no interior, foram descobertos em cabelos associados a um esqueleto datado de 10 mil anos, encontrado no Piauí (Ciência Hoje,

O Piolho é um inseto pequeno com 2,5 a 3,0 mm de comprimento, pertence ao filo Arthropoda, Classe Insecta, ordem Phthiraptera. Este inseto não tem asas, diferente de muitos de

sua classe. As fases de desenvolvimento do piolho são ovo (lêndea), ninfa (fase que tem três estágios), e adultos. A cada sete dias uma lêndea se transforma em uma ninfa. Os piolhos vivem cerca de 40 dias, e ao longo de sua vida cada fêmea deposita aproximadamente 200 ovos. O período de incubação das lêndeas é de 7 dias, e nos próximos 7 dias o piolho já será adulto. Todos os tratamentos de pediculose levam em conta este ciclo. Vale a pena ressaltar que a vida deste inseto é muito curta fora de seus hospedeiros, pois

precisam se alimentar de sangue de hora em hora (PiolhoOrgBr, 2010).

Os primeiros relatos do contado entre piolho em e o ser humano datam de 3000 a.C. A principal queixa da pediculose é a coceira, principalmente nas regiões da nuca e atrás da orelha. Os sintomas não tardam a aparecer, e no máximo dois dias já são sentidos. A coceira decorre da mordida do piolho, pois enquanto se alimenta é liberada uma substância de sua saliva que provoca a coceira.

Por se alimentar exclusivamente de sangue, o piolho aloja-se no couro cabeludo, local de sua alimentação, gerando assim, irritação no seu hospedeiro. Em alguns casos de infestação a queixa não é feita, pela criança, pois ela não sente os sintomas (assintomática), desta forma, a infestação aumenta cada vez mais, assim é facilmente transmitida para pessoas de seu convívio, na maioria crianças, pois a tolerância do adulto para pediculose é quase nula.

A cidade de Paraty, Rio de Janeiro possui 42 escolas municipais, destas 38 se localizam afastadas do centro da cidade. A Graúna é um bairro a 14 KM do centro de Paraty, seguindo-se ao norte pela BR-101. Existe nesse bairro uma escola Multi-Seriada, isto é, as crianças de primeira a quarta série estudam na mesma sala. Pelo pequeno número de crianças matriculadas em cada série, a escola matriculou todas às

dezenove no primeiro ciclo. Este fator já compromete a aprendizagem das crianças que deveriam ser alfabetizadas, não recebem a atenção necessária para que alfabetização ocorra. Nessa escola a infestação de piolhos é total, com as dezenove crianças matriculadas em geral positivas para a infestação, e a coceira causada pelo inseto tem dificultado o aprendizado que deveria ocorrer naturalmente.

De acordo com Andrade (2008) Diversos problemas de saúde pública que enfrentamos são claramente associados à falta de conhecimento ou a conceitos errados que por um motivo ou outro vão passando de uma geração a outra. E assim, passa necessariamente pela Educação o trabalho com esses problemas.

O presente trabalho foi realizado de forma a se avaliar a receptividades de mães em Paraty quanto à programas de controle da pediculose e seu conhecimento inicial sobre o piolho.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para se avaliar o conhecimento das mães sobre a pediculose foram adotadas duas estratégias. Foi primeiro verificado se conheciam de fato os piolhos. Foi assim apresentando isoladamente a cada mãe uma placa de petri (13cm) forrada com papel contendo com várias possibilidades: 1) cabeças de mosquito (*Aedes aegypti*), 2) pequenos percevejos (*Hemiptera gerridae*), 3) alguns

piolhos (*Peticulus capitis*), 4) formigas lava-pé (*Solenopsis saevissima*), e 5) um carrapato estrela (*Amblyomma cajennense*).

Em um momento seguinte para perceber o conhecimento e o interesse da população sobre um trabalho com piolhos, foi feito no supermercado do Carlão entrevistadas. Abordaram-se mulheres, entre 20 e 60 anos e as questões foram: 1) Tem filhos na escola? 2) Pública ou particular? 3) Se a Secretaria de Educação fizesse um programa de esclarecimento e prevenção, da pediculose você aceitaria participar? 4) Você saberia identificar um piolho? 5) (mostrando a placa de Petri) Qual destes é o piolho?

Também foi feita uma entrevista aberta com a secretária de educação e com a professora do Bairro Graúna.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Durante a realização do trabalho foram entrevistadas 26 pessoas, que foram indagadas se sabiam identificar um piolho, como reagiam frente às infestações e por fim, a receptividade de um programa de controle e prevenção. As Figuras 1 e 2 mostram nos resultados, que a grande maioria das mães alegaram conhecer os piolhos e que de fato conheciam, podendo indicar corretamente aqueles que eram o piolho entre outras possibilidades. É interessante notar que

todas relataram que seus filhos têm grandes infestações, e isto mostra que a familiaridade com inseto é grande e facilita a identificação.

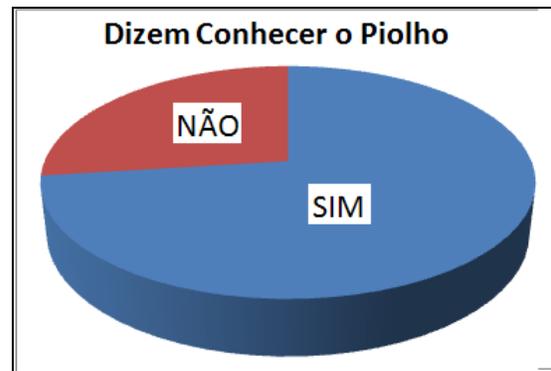


Figura 1. Proporção de mães entrevistadas que declararam conhecer os piolhos

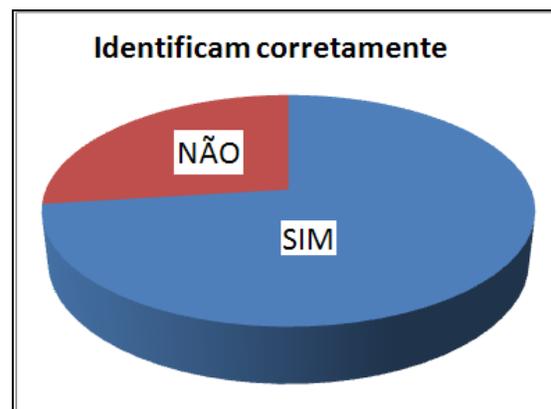


Figura 2. Proporção de mães que acertaram ao apontar piolhos entre outras possibilidades apresentadas em uma placa de petri.

Ao serem questionadas sobre a receptividade da aceitação de um programa de controle e prevenção 80% das mães ficaram muito interessadas (Figura 3.), mas relataram que

“o lugar” onde o trabalho fosse realizado, seria muito importante para que pudessem participar.



Figura 3. Proporção de mães que aceitariam um programa Municipal de controle da pediculose em Paraty.

Percebe-se que das pessoas entrevistadas, 88% tem os filhos matriculados em escolas públicas. Apenas 12% estão matriculados em escola particular e todas as mães relataram que os filhos “pegam piolho”. Isto mostra que a classe social, ou o lugar onde moram não interferem nas infestações.

Na entrevista aberta com a secretária de educação e com a professora do Bairro Graúna, ambas relataram que as infestações de piolho no município de Paraty são “imensas”. Na Graúna a professora do primeiro ciclo relatou ainda que em sua sala a incidência de piolho é de 100% nas crianças.

Deve-se notar que é uma atitude normal dos alunos de Paraty, zombar das crianças com piolho, os colegas apontam e mostram para a

professora, evidenciando a discriminação trazida por este inseto. Esse fato é comum, conforme evidencia a notícia (BBC, 2002) de uma pesquisa entre 200 crianças, aonde mais de um em cada seis dos entrevistados sentiu chateado por contrair piolho e um em cada 10 disseram que os fez sentir miserável. O estudo concluiu que mais de um quinto (22%) tinha ficado fora da escola por causa de piolhos, com 12%, tendo três ou mais dias. Para a professora entrevistada, deixar de avisar os pais, sobre as infestações nas crianças, é normal, por medo da reação deles. E desta forma o número de piolhos aumenta cada vez mais. Além desses problemas um estudo da USP identificou que a saúde mental também é afetada pela presença do piolho, concluindo por isso, que o tratamento deve ser realizado (PLUGBR.NET, 2009). Importante discutir que não é de fato tratamento o que é necessário, e sim um bom programa de prevenção e controle. Nesse sentido, o presente trabalho encontrou que foi de interesse de ambas, a secretária e a professora da Graúna, um trabalho de controle e prevenção no município.

Segundo Regis *et.al.* (1996), a escola mostrou-se um lugar privilegiado para obtenção do envolvimento da população do Recife no controle do mosquito vetor da filariose, pela sua representatividade (representante da maioria das famílias do bairro); por ser um assunto que

oferece excelente material didático para diferentes abordagens; pela oportunidade e aproximação de um problema existente na comunidade; pelas mudanças de atitudes que devem ocorrer mais facilmente em crianças e também pela incorporação do tema e ao conteúdo programático e a sua reprodução nos anos subsequentes. Da mesma forma que a filariose, a pediculose da cabeça também é uma questão como o mesmo perfil para ser assim trabalhada no meio escolar. É de fundamental importância o investimento em campanhas educativas, de pais, professores e todos que tenham contato com as crianças, buscando um controle saudável com a redução de tratamentos de risco.”

O *Pediculus capitis* é muito presente na vida das crianças em Paraty, as famílias e escolas lidam com grandes infestações que não cessam, as crianças pegam piolho semanalmente e isto atrapalha no rendimento escolar delas. É importante ressaltar que nenhum trabalho ainda foi feito nesta cidade. A proposta deixada à Secretaria foi a de um programa como o relatado por Brassolatti (2004). Em seu estudo, o manejo integrado envolveu o trabalho educativo voltado para a mudança de concepção quanto ao preconceito, relacionando-o à falta de higiene, ao uso indiscriminado de inseticidas e tratamentos individuais. Foi feita uma valorização do controle mecânico semanal, que se mostrou muito

eficiente no controle da pediculose *capitis* da comunidade escolar, evidenciada por uma diminuição da incidência da infestação.

A educação é uma arma fundamental para uma mudança de atitudes, ela pode transformar velhos hábitos em novos conceitos, por isso o trabalho educacional é fundamental para prevenção e controle da Pediculose. Segundo o professor C.F. Andrade "O grande mito a ser derrubado é que o piolho adora um cabelo sujo" (Saúde Abril, 2010).

BIBLIOGRAFIAS

Andrade C.F.S. 2008. *PIOLHOS – SOLUÇÃO PELA EDUCAÇÃO* - UNICAMP, IB, Depto Zoologia, Campinas – SP. *O Biológico*, São Paulo, v.70, n.2, p.73-74, jul./dez., 2008.

Disponível em:

http://www.biologico.sp.gov.br/docs/bio/v70_2/73-74.pdf Acesso 02 de março de 2010.

Brassolatti, R.C., 2004. Avaliação de um manejo integrado no controle da pediculosis capitis em escolares de Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas . Faculdade de Ciências Médicas. Tese de doutorado. UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Brassolatti R.C. & C.F.S. Andrade [A Saga dos Piolhos na America do Sul](#). Ovos de piolhos bem preservados, alguns contendo ainda o embrião no interior, Ciência & saúde. Disponível em: 200.144.189.54/.../busca.php?...a%20saga%20

dos%20piolhos%20na%20america%20do%20.

Acesso 02 de março de 2010.

BBC News, 2002. Head lice link to school

bullying. Tuesday, 17 September, 2002, UK.

Disponível em:

http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/education/2263700.stm Acesso 02 de março de 2010.

PiolhoOrgBr, 2010. (Diversos artigos e muita informação sobre a pediculose e seu controle).

PLUGBR.NET, 2009, “Alerta: Piolho prejudica o aprendizado pode até causar anemia, e alunos discriminados” Disponível em:

<http://www.plugbr.net/alerta-piolho-prejudica-o-aprendizado-pode-ate-causar-anemia-e-alunos-discriminados/> Acesso 02 de março de 2010.

Regis, L. *et al.*, 1996 Controle integrado do vetor da filariose com participação comunitária, em uma área urbana do Recife, Brasil. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 12(4):473-482.

Saúde Abril, 2010. Saúde É Vital. “Piolho: não deixe que ele suba à cabeça”. Disponível em:

http://saude.abril.com.br/edicoes/0273/familia/conteudo_133879.shtml Acesso 02 de março de 2010.